

A percepção docente sobre a polivalência e a interdisciplinaridade no ensino de arte

Comunicação

Lorena Feitosa Costa
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
lorenafeitosa21@gmail.com

Giann Mendes Ribeiro
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
giannribeiro@gmail.com

Resumo: Neste trabalho objetivamos analisar a percepção docente sobre a polivalência e a interdisciplinaridade no ensino de arte, nos anos iniciais ensino fundamental. A pesquisa que se segue foi de caráter exploratória, e quanto aos procedimentos técnicos, um estudo de campo. Os entrevistados foram dois professores da Educação Básica, da disciplina de Arte/música, do Município de Mossoró/RN. Utilizamos como instrumentos para coleta de dados, a entrevista semiestruturada, e a observação participante, para delineamento da pesquisa. A partir das percepções dos professores, constatamos que ambos defendem a hipótese, que seria ideal que o professor ensinasse apenas a linguagem artística para o qual foi habilitado. E apenas um dos dois entrevistados atua num contexto polivalente. Os professores se mostraram abertos a prática docente numa perspectiva interdisciplinar, e afirmaram que a instituição a qual lecionam, tem projetos pedagógicos interdisciplinares.

Palavras-chave: Ensino de arte. Polivalência. Interdisciplinaridade.

1 Introdução

No campo da educação musical, no ensino fundamental, o contexto da polivalência em arte, é considerado uma problemática, visto com um dos obstáculos para a efetivação do ensino de Música no currículo escolar (ORTIZ, 2020, p. 46). Segundo a autora, a polivalência no ensino musical, é uma das práticas que persistem no contexto pedagógico dos professores de Música desde a década de 1970, e permanece, apesar das alterações nos documentos legais e dos movimentos das associações de Educação Musical (ORTIZ, 2020, p. 47).

Comungando com o pensamento de Ortiz, Junnior (2017, p. 12), afirmou que na maior parte dos estados brasileiros, ainda há uma orientação e implementação da polivalência



no âmbito das artes, modelo que para ele, é considerado como ineficiente para o ensino das artes na escola.

“O percurso do ensino de Arte é caracterizado por avanços, recuos e incertezas, sempre ligados ao contexto histórico, cultural, político e econômico” (MARTINS, 2021, p. 25). Podemos também citar o contexto polivalente como um aspecto que gera confusão e incertezas no âmbito do ensino de arte.

Além da problematização em torno da polivalência no ensino de arte, debatermos sobre uma abordagem, que para alguns se confunde com a polivalência, e na qual vem sendo pesquisada no campo educacional, como uma possibilidade para a educação básica, assim como para o ensino de música, que é a interdisciplinaridade.

Podemos citar Ortiz, e Cunha e Lima, que associaram a polivalência à interdisciplinaridade. Sendo a concepção de Ortiz (2020, p. 55) a seguinte: “As orientações curriculares mais recentes têm colocado o termo polivalência em discussão novamente, pois, na Base Nacional Comum Curricular - BNCC, o princípio de interdisciplinaridade entre as linguagens artísticas se confunde com prática polivalente”.

E Cunha e Lima (2020, p. 116), relataram haver uma discussão entre alguns autores, em torno da diferenciação entre os conceitos de polivalência e interdisciplinaridade. Onde para eles, há uma confusão entre seus conceitos. Seguindo esse pensamento, Ortiz (2020, p. 55), conclui que: “Nessa reconfiguração da terminologia polivalente, a prática polivalente pode ser confundida com interdisciplinaridade”.

A necessidade de seguir para uma proposição interdisciplinar, vem se mostrando desde “As reformas na Educação Brasileira”, e a partir de 2000, torna-se objeto central dos discursos governamentais (FAZENDA; VARELLA; ALMEIDA, 2013, p. 849). No âmbito da pesquisa e docência em música, a interdisciplinaridade pode oferecer relevantes contribuições ao incluir no campo da ciência musical as contribuições das diversas áreas do conhecimento (AMATO, 2010, p. 39).

“Os estudos na área da educação referentes a compreensão do fenômeno musical em suas múltiplas dimensões, parecem ter se consolidado na teoria, porém o ensino musical parece estar ainda distante de trabalhar a música em suas interfaces com outros saberes” (AMATO, 2010, p. 40).



Diante do exposto, surgem alguns questionamentos: Qual a percepção dos professores, acerca da polivalência e da interdisciplinaridade, no ensino de arte no ensino fundamental? Como os professores se sentem frente ao ensino polivalente de arte?

Visando responder essas questões, elencamos o seguinte objetivo geral: Analisar a percepção docente sobre a polivalência e a interdisciplinaridade no ensino de arte, nos anos iniciais ensino fundamental. E os seguintes objetivos específicos: 1) Investigar se os professores de arte atuam num contexto polivalente. 2) Averiguar se a escola e os docentes trabalham com uma abordagem interdisciplinar. 3) Conhecer a concepção dos professores sobre a polivalência e a interdisciplinaridade.

Este trabalho está dividido em três partes. Na primeira subseção, apresentamos o percurso metodológico. E em seguida, no referencial teórico, nos propusemos a discutir sobre os conceitos da interdisciplinaridade e da polivalência. Abordamos também, os documentos oficiais, acerca da política educacional e do ensino de arte. E por fim, apresentamos as compreensões e interpretações obtidas a partir das falas dos docentes.

1.1 Percurso metodológico

Esta pesquisa é classificada por Gil (2002, p. 53), como exploratória, e com base nos procedimentos técnicos utilizados, é denominada como um estudo de campo, onde a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo.

Para essa pesquisa, a abordagem mais apropriada foi a qualitativa, que para Gil (2002, p. 133), “Nos estudos de campo a tendência é a utilização de variadas técnicas de coleta de dados. Daí por que, nesse tipo de pesquisa, os procedimentos de análise costumam ser predominantemente qualitativos”.

Utilizamos como instrumentos de coleta de dados, um roteiro de entrevista semiestruturada, para nortear a realização das entrevistas, e a observação participante de aulas. Outro dado relevante para essa investigação, foi a análise do “Plano anual de atividades do docente”, disponibilizado pelos professores entrevistados.



A primeira etapa do estudo foi uma busca minuciosa acerca da temática a ser trabalhada. Onde utilizamos como base teórica, o conceito aberto de interdisciplinaridade de Ivani Fazenda. Analisamos também os dispositivos oficiais que norteiam a educação escolar, e o ensino de arte (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Base Nacional Comum Curricular, Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica e os Parâmetros Curriculares Nacionais).

O segundo passo, foi a escolha da população da pesquisa. Os entrevistados foram dois Professores da Educação Básica, da disciplina de Arte/música, do Município de Mossoró/RN. Os critérios utilizados para seleção dos participantes do estudo foram: 1) ser professor de arte/música, atuante na Rede Municipal de Ensino de Mossoró/RN; 2) Está aberto a pesquisas acadêmicas; 3) Ser licenciado em música.

Delimitamos a escolha de dois professores pelo curto período de tempo para conclusão do estudo. A entrevista buscou responder as questões propostas nesta pesquisa, primando por analisar a percepção docente sobre a polivalência e a interdisciplinaridade no ensino de arte, do ensino fundamental.

A coleta de dados ocorreu em dois momentos (observação participante e entrevista). Inicialmente, a pesquisadora participou de uma aula da turma na qual a docente A leciona. A escolha da turma se deu em diálogo com a docente. A observação da aula da Escola A, aconteceu no dia 04/07/2022, na plataforma google meet (pois a escola encontrava-se em reforma, e as aulas ocorriam nesse formato).

A turma que participou do estudo, foi a do 1º Ano do Ensino Fundamental. Durante a aula, a docente A, deu oportunidade para que a pesquisadora participasse da aula, fazendo algumas considerações sobre o tema abordado. Após o momento de observação, ocorreu o diálogo com a docente, onde utilizamos um roteiro, e realizamos a gravação do áudio.

No segundo dia de pesquisa, que ocorreu em 07/07/2022, na Escola B, a observação da aula se deu em caráter presencial, nas turmas do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental. Logo em seguida ao término da aula, foi o momento de conversar com o segundo participante do estudo, o Professor B. Após a coleta, nos empenhamos a analisar os dados, onde realizamos o procedimento de transcrição das entrevistas, e fizemos uma organização



sistemática dos materiais coletados, para em seguida realizamos a etapa analítica do estudo, da qual discutiremos na última sessão.

2 Referencial Teórico

2.1 Políticas educacionais e a música na escola no ensino fundamental

Ao abordar a temática das "Políticas Públicas em Educação Musical", PENNA (2008, p. 119), sentiu a necessidade de, primeiramente, compreender e explicitar o conceito de "política educacional". Para ela, nesse percurso, faz-se necessário debruçar-se sobre as leis e demais dispositivos oficiais de alcance nacional que tratam do ensino de arte, aí incluída a música (PENNA, 2008, p. 120).

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, afirmam que a Arte, em suas diferentes formas de expressão, incluindo a música, são partes integrantes da base nacional comum nacional (BRASIL, 2013, p. 31). "A música constitui conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular arte, o qual compreende também as artes visuais, o teatro e a dança, conforme o inciso 6º do art. 26, da Lei nº 9.394/96" (BRASIL, 2013, p. 133).

Na Base Nacional Comum Curricular, os níveis educacionais tem uma orientação específica para cada disciplina. No Ensino Fundamental, o componente curricular Arte está centrado nas seguintes linguagens: as Artes visuais, a Dança, a Música e o Teatro (que constitui uma unidade temática que reúne objetos de conhecimento e habilidades) (BRASIL, 2018, p. 193).

Diante disso, utilizamos a concepção de Diniz sobre a BNCC e o ensino de arte, que expõe que a mesma tem caráter genérico em relação a esse componente curricular:

Pois não apresenta uma proposta progressiva de aprendizagem para cada disciplina artística. Propondo um trabalho de Arte Integrada nas escolas interligando as 4 linguagens da arte e alimentado pelas 6 dimensões do conhecimento artístico: Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Fruição e Reflexão (DINIZ, 2018, p. 32).

Penna (2008, p. 128), falando sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental e médio, destacou que os documentos para a área de Arte, são propostas



quatro modalidades artísticas - Artes visuais música, teatro e dança. E segundo ela, não há indicações claras de como encaminhar essa abordagem na escola, e que, atrelado a isso, soma-se a falta de clareza acerca da formação do professor de Arte, cuja qualificação não é indicada com precisão, quer na LDB, quer nos diversos Parâmetros (PENNA, 2008, p. 130).

2.2 O contexto polivalente e a interdisciplinaridade no ensino de arte

No percurso investigativo sobre a prática no ensino de arte nos anos iniciais do ensino fundamental, nos deparamos com uma realidade vivenciada na atuação desse componente curricular que é a polivalência. E para uma melhor compreensão, abordaremos a conceituação desses termos, e como eles se relacionam com o ensino de arte.

Mas o que seria “polivalência”? Para Ortiz (2020, p. 46), a polivalência é entendida como a prática de um único professor ter que ensinar todas as linguagens da Arte. Cunha e Lima (2020, p. 99), destacam que por si só, a Arte é polivalente, apresentando-se por meio de diferentes signos, matérias, técnicas, poéticas.

E na perspectiva de Ortiz (2020, p. 21), a polivalência no ensino de arte se caracteriza como “a prática docente exercida por um professor licenciado em uma linguagem artística específica, mas que, na sua atuação profissional, também leciona as demais linguagens artísticas”.

Já as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico, entende a polivalência, como “O atributo de um profissional possuidor de competências que lhe permitam superar os limites de uma ocupação ou campo circunscrito de trabalho, para transitar para outros campos ou ocupações da mesma área profissional ou de áreas afins” (BRASIL, 1999, p. 37).

Nos PCN para o ensino de arte, encontramos o termo “polivalente”, na seguinte afirmação: Com a polivalência as linguagens artísticas deixaram de atender às suas especificidades, constituindo-se em fragmentos de programas curriculares ou compondo uma outra área (BRASIL, 1998, p. 27). O documento ainda se refere aos professores polivalentes em arte, como aqueles que, são responsabilizados por educar os alunos (em escolas de ensino fundamental) em todas as linguagens artísticas.



A polivalência no ambiente educacional é vista por Cunha e Lima (2020, p. 101), como um aspecto que é comumente apresentado como algo a ser superado, em defesa da especificidade, discurso claramente adotado pelos pesquisadores da área da educação musical. Tal pensamento, se assemelha ao de Diniz, que considera a polivalência tão criticada e mal vista, devido à fragilidade das propostas num campo onde não se tem competência assegurada.

No itinerário investigativo percorrido até o momento, observamos a contribuição de alguns autores acerca de um aspecto presente no ensino de arte (que é a polivalência). E como pudemos observar, alguns autores a diferenciam ou ainda a relacionam com a interdisciplinaridade. E a partir desse ponto, trataremos do tema desse estudo: a interdisciplinaridade na prática docente no ensino de arte.

Ao estudar sobre a interdisciplinaridade, nos respaldamos das contribuições de Fazenda, e Japiassú, para conceituá-la. Segundo Fazenda (2002, p. 51), o termo “interdisciplinaridade” não possui ainda um sentido único e estável. Para Japiassú (1976, p. 74), “A interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa”.

“O conceito de interdisciplinaridade, como ensaiamos em todos nossos escritos desde 1979 e agora aprofundamos, encontra-se diretamente ligado ao conceito de disciplina” (FAZENDA, 2008, p. 21). E para José (2008, p. 94), a interdisciplinaridade passa, então, a não ser mais vista como a negação da disciplina. Muito mais que destruir as barreiras que existem entre uma e outra, a interdisciplinaridade propõe sua superação.

“Trata-se de um conceito extremamente polissêmico e, portanto, possível causador de equívocos em sua compreensão e consequente aplicação” (FAZENDA, 2002, p. 21). A Interdisciplinaridade segundo Fazenda, pauta-se em uma ação em movimento. Para a autora, “a pesquisa e a didática interdisciplinar tratam do movimento (do dinâmico), porém, aprendem a reconhecer o modelo (o estático)” (FAZENDA, 2002, p. 26).

Além de ser uma ação em movimento, podemos destacar outro aspecto característico no percurso interdisciplinar, que é o diálogo. Sobre isso, Fazenda afirma que: “Há que se pensar em uma escola do diálogo, onde todos são reconhecidos, não em sua individualidade, mas em sua unicidade (FAZENDA, 1989, p. 19).



Para Diniz (2018, p. 33), as artes separadas dentro do contexto escolar não têm sentido. Segundo a autora, os profissionais deveriam estar profundamente envolvidos, capacitados para o diálogo e a troca, munidos da humildade. Dessa forma, as artes integradas, dariam um passo à frente da integração, alcançando um pretencioso voo interdisciplinar.

Se olharmos ainda para os documentos normativos, encontramos a seguinte afirmação sobre a interdisciplinaridade: “A base nacional comum dos currículos do ensino médio deverá contemplar as três áreas do conhecimento, com tratamento metodológico que evidencie a interdisciplinaridade e a contextualização” (BRASIL, 2000, p. 106).

3 Resultados e Discussões

Nessa seção, apresentaremos as compreensões e interpretações obtidas a partir do diálogo com os professores, a observação participante das aulas, e análise dos planos anuais de atividades dos docentes. Nesse estudo, encontramos semelhanças com a pesquisa de Silva (2011, p. 595), quando ele menciona que, o exame dos dados permite-nos caracterizar a interdisciplinaridade mais facilmente pelos recursos didáticos utilizados ou pelos resultados provocados ou reações dos alunos.

Outro fator importante para o estudo, foi a observação das aulas, que nos auxiliou a conhecer a realidade escolar das aulas de arte nas instituições pesquisadas. E também nos possibilitou colher alguns detalhes que não foram possíveis ser contemplados na entrevista. Nos quadros abaixo observaremos as respostas entrevistados

A seguir apresentaremos alguns trechos das entrevistas, da qual relacionaremos com a literatura estudada, assim como outros dados observados no estudo. No início da entrevista realizamos perguntas referentes a formação e atuação dos professores. Com vistas, dentre outras coisas, há analisar se os docentes atuam em um contexto polivalente, e como eles avaliam essa prática.

A partir das respostas dos professores, contatamos que ambos os docentes estão atuando nas séries iniciais e finais do ensino fundamental. Mas que apenas um, ministra somente os conteúdos de música (que segundo ele foi um acordo com a escola), e o outro assume a docência de todas as linguagens artísticas.



Durante a entrevista, abordamos algumas questões que consideramos importantes para respondermos as questões levantadas nessa pesquisa. E devido a extensão e proporção desta investigação, optamos por delimitar para este estudo, um recorte que compreende, a análise das falas referentes ao “que os professores entendem sobre a polivalência e a interdisciplinaridade, “Como os professores se sentem frente ao ensino polivalente de arte”, “Se a escola trabalha com algum projeto pedagógico interdisciplinar”, e por fim, sobre “o que poderia ser realizado na escola para que houvesse uma prática interdisciplinar”.

Quadro 1: O que os professores entendem por polivalência

Professor A

“O professor polivalente, um termo tão criticado...Eu vejo pelos meus estudos da área de arte e ensino de música, lendo artigos sobre a polivalência, nós temos muita crítica à polivalência, a polivalência é criticada por ter diluído, vamos dizer assim, por muitos anos o ensino de música, o ensino de dança, de teatro... É como se as professoras polivalentes, elas deram preferência a uma das artes... O ideal seriam os quatro professores de arte na educação básica, que a educação básica acompanhasse o ritmo dessas políticas educacionais que vêm há anos lutando por espaços específicos para professores específicos...”

Professor B

“Polivalência? Na área educacional, você diz né? Eu acho que é quando o docente ele acaba ministrando diferentes disciplinas, sendo que dificilmente você vai ter habilidade para ministrar essas disciplinas. Eu sou a favor dentro da escola, atividades interdisciplinares, mas conectando vários professores, cada um no seu quadrado, eu penso assim”.

Ao analisarmos as falas dos docentes referentes ao quadro 1, observamos que ambos mostraram defender a hipótese, que seria ideal que o professor ensinasse apenas a linguagem artística para o qual foi habilitado (música, teatro, dança ou artes visuais). Tal percepção se assemelha ao pensamento de ORTIZ (2020, p. 46), que afirma que, o contexto da polivalência tem sido um dos obstáculos no ensino de Música no currículo escolar. E que geralmente, o professor de arte tem uma formação específica e não é preparado para o ensino polivalente.

Com um pensamento semelhante, PENNA (2008, p. 142) aponta que: “Apesar da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 e das propostas dos Parâmetros, o



ensino de música continua submetido ao campo múltiplo da arte, com uma presença frágil e inconstante na prática escolar”.

Além do questionamento sobre “o que o professor entende sobre polivalência”, a entrevista abordou a seguinte pergunta: “como se sente frente ao ensino polivalente de arte”. O professor A informou que, ao entrar na educação básica, tendo formação para um ensino específico, foi relutante para aceitar, e que sofreu muito no início, por não existir a disciplina específica de música.

Prosseguindo na sua fala, o professor A afirmou que, os conteúdos que ela não tem formação específica, são conteúdos que não vão ter tanta profundidade, quanto aos da sua formação (licenciatura em música). Já o professor B, não respondeu essa pergunta, pois não se aplicava a ele. O mesmo leciona apenas no componente curricular música (e outras duas professoras assumiram as demais linguagens artísticas na escola).

Quadro 2: O que os professores entendem por interdisciplinaridade

Professor A

“A interdisciplinaridade... É complexo. Eu acho que seria esse ensino integrado. A gente vê muito essa palavra da interdisciplinaridade na BNCC, que o ensino tem que ser interdisciplinar, que seja integrado, que seja em conjunto com outros professores. Você vai trabalhar um projeto, você envolve a arte, a história a matemática. Que seja essa coisa que faça sentido e não sejam coisas isoladas...”

Professor B

“De forma bem popular mesmo, eu acho que interdisciplinaridade são atividades pedagógicas que são desenvolvidas por vários membros diferentes, de diferentes áreas, linguagens e conhecimentos.”

No quadro 2, abordamos a seguinte questão “o que entende por interdisciplinaridade”. Para o professor A, a interdisciplinaridade é algo complexo, nas palavras dela: “acho que seria aquele ensino integrado”. Ainda comenta que a palavra interdisciplinaridade é muito presente na BNCC.

O professor B, apresentou uma opinião semelhante. Ao afirmar que, para ele, interdisciplinaridade, são atividades pedagógicas que são desenvolvidas em áreas, linguagens



e conhecimentos distintos. Dessa forma, compreendemos que os entrevistados assimilam a interdisciplinaridade à integração, como se fossem sinônimos. Ao serem questionados se o que estavam fazendo na sua prática docente, era interdisciplinaridade, ambos afirmaram que sim.

Alguns teóricos como Fazenda (2008, p. 21), buscaram reafirmar a diferenciação existente entre a integração e a interdisciplinaridade. Já Lenoir (1998, p. 53), acredita que a integração faz parte do processo para construção da interdisciplinaridade. E que é importante não só diferenciá-las, mas também afirma existir uma complementariedade entre integração e interdisciplinaridade.

Quadro 3: Projetos interdisciplinares na escola

Professor A

“A gente sempre recebe propostas em nossas extra regências para trabalhar essa interdisciplinaridade, trabalhar com projetos, tem também projetos da prefeitura, inclusive teve até um último projeto que eu estava escrevendo, eram sobre ações de recomposição da aprendizagem do aluno, onde cada professor dava propostas para trabalhar esse atraso que ele vai ter, que eles vão tentar recuperar de forma interdisciplinar...”

Professor B

“...Tem o Sarau Literário, com a professora de português, a gente também compartilha com ela algumas apresentações musicais, de acordo com o tema que ela está desenvolvendo. Aqui na escola, à tarde, há um laço muito forte entre os professores, isso é muito bacana, então sempre tem... A professora de história trabalhou a Revolução Francesa, e teve uma apresentação, eles fizeram uma peça de teatro e apresentaram uma música, então sempre tem.”

Foi possível observar que as duas instituições que participaram desse estudo, possuem projetos interdisciplinares, e que os professores, estão envolvidos neles. No PCN de Arte encontramos um tópico denominado “Trabalho por projetos”, onde afirma que “Uma das modalidades de orientação didática em Arte é o trabalho por projetos. Cada equipe de trabalho pode eleger projetos a serem desenvolvidos em caráter interdisciplinar, ou mesmo referentes a apenas uma das formas artísticas (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro)” (BRASIL, 1998, p. 76).



De acordo com a BNCC, “Temas, assuntos ou habilidades afins de diferentes componentes podem compor projetos nos quais saberes se integrem, gerando experiências de aprendizagem amplas e complexas (BRASIL, 2018, p.196)”. Já os parâmetros curriculares, afirmam que: “Um projeto caracteriza-se por ser uma proposta que favorece a aprendizagem significativa, pois a estrutura de funcionamento dos projetos cria muita motivação nos alunos e oportunidade de trabalho com autonomia” (BRASIL, 1998, p. 76).

Os planos anuais de atividades, disponibilizados pelos docentes, não fazem menção a projetos pedagógicos interdisciplinares. O plano que o professor A disponibilizou, foi da turma do 1º ano do ensino fundamental. Nele encontramos as unidades temáticas, objetos de conhecimento, habilidades e sugestões didáticas referentes as quatro linguagens artísticas.

Já no planejamento do professor B, as competências, habilidades conforme unidade temática, e objeto de conhecimento a serem trabalhados durante o ano, são referentes as turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, do componente curricular música, e de artes visuais (disciplina ministrada por outra professora).

Ao final da entrevista, pedimos aos professores a sugestão deles, sobre o que poderia ser realizado na escola para que houvesse uma prática interdisciplinar. E a resposta foi unânime: para eles, o trabalho por meio de projetos, é a opção mais viável para uma prática interdisciplinar. Segundo eles, algumas pessoas se abrem e trabalham de forma compartilhada com os demais, em contrapartida, existe professores que se negam a essa prática pedagógica.

4 Considerações Finais

Buscamos por meio desse estudo, analisar a percepção docente sobre a polivalência e a interdisciplinaridade no ensino de arte, do ensino fundamental. E nesse percurso investigativo, nos deparamos com outros questionamentos e problematizações, acerca da polivalência e interdisciplinaridade. Na análise dos dados obtidos nessa pesquisa, confrontada com os teóricos estudados, percebemos que é comum uma confusão entre a polivalência e a interdisciplinaridade.

Iniciamos essa investigação com alguns questionamentos, e acreditamos que esse estudo não esgota as possibilidades de pesquisa, nem responde a todas questões levantadas.



Consideramos que essa pesquisa abordou temas de grande importância para educação básica, e em especial para a educação musical, por tratar de realidades presentes na prática docente de arte.

A partir da percepção dos professores, constatamos que ambos defendem a hipótese, que seria ideal que o professor ensinasse apenas a linguagem artística para o qual foi habilitado. E apenas um dos dois entrevistados atua num contexto polivalente. Os professores se mostraram abertos a prática docente numa perspectiva interdisciplinar, e afirmaram que na instituição, há projetos pedagógicos interdisciplinares. E que para eles, a maneira de se favorecer uma prática interdisciplinar, é por meio da realização de projetos, onde cada disciplina contribua com sua parte específica, para enriquecer o todo.

Por fim, percebemos que essa é uma temática que necessita de aprofundamento, e de um olhar mais detalhado. E por essa razão, sugerimos para futuras produções acadêmicas, que esse trabalho seja expandido para as demais escolas do Município de Mossoró, e também nas Estaduais.



Referências

AMATO, Rita de Cássia Fucci. Interdisciplinaridade, música e educação musical. *Opus*, Goiânia, p. 30-47, jun. 2010.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Parecer n. 16, de 05 de outubro de 1999. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Bases Legais. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília: Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CUNHA, Daiane Solange Stoeberl da; LIMA, Sonia Albano de. “A interligação da polivalência com a interdisciplinaridade e o ensino integrado das artes”. *Revista Música*, vol. 20, nº 1, julho de 2020, p. 97–120.

DINIZ, Margarete Hiromi Kishi. Interdisciplinaridade na música: sentir, pensar, fazer. 2018. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Educação, Puc, São Paulo, 2018.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Metodologia da pesquisa educacional*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?* 6 ed. Edições Loyola, 2002.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na formação de professores. *Ideação: Revista do Centro de Educação e Letras*, [s. l], v. 10, n. 1, p. 93-103, 2008.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; VARELLA, Ana Maria Ramos Sanchez; ALMEIDA, Telma Teixeira de Oliveira. Interdisciplinaridade: tempos, espaços, proposições. *E-Curriculum*, São Paulo, v. 3, n. 11, p. 847-862, 2013.

GIL, Carlos Antônio. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas. 2002.



JAPIASSU, Hilton F. (1976). *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago.

JOSÉ, Mariana Aranha Moreira. Interdisciplinaridade: as disciplinas e a interdisciplinaridade brasileira. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). *O que é interdisciplinaridade?* - São Paulo: Cortez, 2008, p. 85-95.

JUNNIOR, José de Oliveira Miranda. “Eu adoro música, sempre gostei de música”: o uso da música na prática pedagógica de professores dos anos iniciais de escolas municipais de pau dos ferros/rn. 2017. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós- Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2017.

LENOIR, Yves. Didática e interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e incontornável. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). *Didática e interdisciplinaridade* - Campinas, SP: Papirus, 1998, 45-75.

MARTINS, Margarida Helena Camurça. Inquietudes e incertezas do ensino de arte: base nacional comum curricular do ensino fundamental. 2021. 246 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Arte Visuais, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

NEVES, Carmen Moreira de Castro. Formação de professores da educação básica e pós-graduação: a interdisciplinaridade necessária. In: PHILIPPI JUNIOR, Arlindo; FERNANDES, Valdir (ed.). *Práticas da interdisciplinaridade no ensino e pesquisa*. São Paulo: Manole, 2016. p. 471-499.

ORTIZ, Anni Marisi Ribeiro. Prática docente de professores de música: o contexto polivalente em arte em várzea grande - mt. 2020. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

PENNA, Maura. *Música e seus ensinios*. 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: Sulina, 2008.

SILVA, Wagner Rodrigues. *Construção da interdisciplinaridade no espaço complexo de ensino e pesquisa*. Cadernos de Pesquisa, [s. l], v. 41, p. 582-605, 2011.